

O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NAS ESCOLAS PÚBLICAS

Celia Araújo Oliveira¹

Stânia Nágila Vasconcelos Carneiro²

Ana Sandrilá Mandes Vasoncelos³

Resumo

No presente artigo busquei discutir o ensino da Língua Portuguesa na rede pública de ensino e demonstrar que as dificuldades de aprendizagem ocorrem por inúmeros fatores, onde se podem destacar: os orgânicos, pedagógicos, psicológicos, e ambientais. Estes são conhecidos, porém muitas vezes não são levados a sério pelos educadores que geralmente rotulam seus alunos como impotentes, quando na verdade o educador deve criar condições para que a relação entre ambos ocorra de forma prazerosa, dando-lhe a oportunidade de aprender tanto quanto sua capacidade permite. Contudo, o maior foco desta pesquisa foi a família, onde procurei refletir sobre a sua participação para o bom desenvolvimento do educando na disciplina de língua portuguesa. Além disso, no decorrer da pesquisa levantei questionamentos sobre como os professores trabalham a disciplina; as principais dificuldades de aprendizagem; e sobre como estão sendo sanadas estas dificuldades, uma vez que, a escola ainda caminha a curtos passos para minimizar as dificuldades observadas na disciplina em questão. Analisei ainda, as metodologias aplicadas pelos educadores e a relação dos mesmos com seus alunos, sabendo que estes são ícones importantes para o envolvimento destes com o conteúdo explanado. Para a conclusão objetiva deste estudo, segui os princípios de educadores como: Freire (1996), D'Andrea (1980), Libâneo (1994) entre outros, e realizei também discussões junto a escolas públicas da zona rural do município de Paramoti-Ce, onde o instrumento utilizado foi um questionário estruturado aplicado a professores, pais, alunos e gestores pedagógicos. Cheguei a conclusão de que o ensino da disciplina em questão tem apresentado diversas deficiências no decorrer do processo de aprendizagem devido a inúmeros fatores, mas principalmente por falta de educadores que participem ativamente da vida de seus alunos e busquem compreendê-los nas suas fraquezas.

Palavras-chave

Estudo; aprendizagem; família; dificuldades; metodologias.

Abstract

In this paper sought to discuss the teaching of Portuguese in the public school system and demonstrate that learning disabilities occur for a number of factors, which may be highlighted: the organic, educational, psychological and environmental. These are known but are often not taken seriously by educators who often label their students as powerless, when in fact the teacher should create conditions for the relationship between them occurs in a pleasant way, giving you the opportunity to learn as much as its capacity allows. However, the major focus of this research was the family, where I tried to reflect on their participation for the proper development of the students in the discipline of the English language. Moreover, during the research raised questions about how teachers work discipline, the main learning difficulties, and how these difficulties are being resolved, since the school still walks in short steps to minimize the difficulties encountered in the discipline in question. Analyzed yet, the methodology used by educators and listing them with their students, knowing that these icons are important for their involvement with the content explained. To complete the objective of this study followed the principles of educators such as Freire (1996), D'Andrea (1980), Libâneo (1994) among others, and also realized discussions with public schools in rural municipality of Ce-Paramoti where the instrument was a structured questionnaire given to teachers, parents, students and educational managers. I concluded that the teaching of the

discipline in question has had several weaknesses during the learning process due to numerous factors, but mainly because of lack of teachers who participate actively in the lives of their students and seek to understand them in their weaknesses.

Keywords

Study, learning, family, difficulties; methodologies.

R

y

P

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa abordará questões referentes às dificuldades de aprendizagem, e aponta para a necessidade de conhecermos alguns fatores que dificultam a relação ensino-aprendizagem na disciplina de língua portuguesa nas séries do ensino fundamental, além de buscar formas e alternativas que facilitem o processo de formação para que a assimilação dos conteúdos ocorra num clima de tranquilidade.

Embora as dificuldades de aprendizagem sejam um problema de suma importância para os especialistas em educação, ainda é possível se ver que algumas escolas se preocupam com o tradicional, isto é, o importante é trabalhar a aplicação dos conteúdos e conceitos formados. Com isso, o educador acaba sendo o principal responsável pelas dificuldades do educando, pois devido à baixa autoestima não consegue encontrar estímulos para desenvolver no aluno a boa aprendizagem.

Para falar do tema, buscou-se em vários livros e ate mesmo o contato direto através das entrevistas e pesquisas realizadas, e foi constatado que os professores, de fato, pertencem a um grupo com cicatrizes autoritárias, uma “sociedade escravizada”, ainda não se conseguiu a libertação da hierarquia do saber, e com isso falham como educadores, pois ainda se pegam praticando atos como: injustiças e exclusões que podem ser sociais e até étnicas, não se atentando em conhecer e respeitar as diferenças entre a capacidade cognitiva de cada um.

Esse estudo propõe-se a compreender melhor os problemas de dificuldades de aprendizagem condicionadas pela escola; relação aluno-professor; relação entre alunos; métodos didáticos e o papel da família e da escola; aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais da educação no Brasil; onde se refletiu sobre o ensino da língua portuguesa ao longo do tempo e a dinâmica de sala de aula, entre outras questões que envolvem o processo de ensino-aprendizagem. E tem como objetivo mapear e discutir a qualidade do ensino da língua portuguesa nas escolas públicas do município de Paramoti- CE, demonstrar que as dificuldades de aprendizagem ocorrem por inúmeros fatores que são considerados fundamentais: os orgânicos, pedagógicos, psicológicos e ambientais. Fatores estes que são conhecidos, porém nem sempre levados a sério pelos educadores, que geralmente rotulam os alunos como fracos, quando na verdade o que falta são condições para que a relação entre aluno e professor ocorra reciprocamente de forma prazerosa, dando ao estudante a oportunidade de aprender tanto quanto sua capacidade permite, sabendo que este tem capacidade de assimilar todo e qualquer conteúdo apresentado desde que, esteja motivado e apresente algum interesse pelo assunto. Contudo centraram-se esforços em analisar a

importância da estrutura familiar para o desenvolvimento da aprendizagem dos educandos, visto que a família é a base educacional de todo ser humano.

A escola, por sua vez, ainda caminha a curto passo para minimizar as dificuldades observadas na disciplina de língua portuguesa, primeiramente encontradas nos profissionais envolvidos para que possam elaborar métodos que melhor atenda as dificuldades apresentadas pelos educandos. A eles é passada a incumbência da formação integral do aluno. Entretanto, é necessária a conscientização de que o desenvolvimento pleno do estudante, não é uma função apenas do educador, e sim de todos os envolvidos no processo.

A metodologia utilizada para a fundamentação e desenvolvimento desta pesquisa seguiu dois princípios norteadores, o primeiro de cunho bibliográfico, à luz de Freire (1996), D'Andrea (1980), Libâneo (1994) entre outros autores. A segunda vertente foi desenvolvida em forma de uma pesquisa de campo com representantes dos envolvidos no processo educacional, onde o instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário estruturado e aplicado aos professores, alunos, pais e gestores pedagógicos.

A cada dia, fico mais convencida de que para trabalhar com as “desordens que tanto afetam as habilidades do sujeito”, é importante reconhecer que são capazes e que unidos, os educadores, a escola, e a família, poderão com certeza reduzir o número de alunos portadores de dificuldades de aprendizagem causadas por influências externas.

2. FATORES QUE CONTRIBUEM PARA AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

O ensino e a aprendizagem são fenômenos tão naturais que todos os membros da espécie humana neles estão empenhados sem estarem perfeitamente conscientes do processo que estão utilizando. Esta depende de inúmeras condições que frequentemente interrelacionam, assim o interesse de um educando por essa ou aquela atividade, está na dependência de sua idade, do ambiente sociocultural de onde provêm as necessidades imediatas, da experiência anterior, das condições pedagógicas, enfim da motivação que orienta seu comportamento.

Sabe-se que a aprendizagem pode ser afetada por fatores genéticos, afecções do sistema nervoso periférico como: surdez, cegueira, afecção neurogênica, retardo mental, afecções médicas gerais, como desnutrição e doenças crônicas. Desta forma, pode-se perceber que o processo de aprendizagem é múltiplo e apresentam variáveis que podem alterar a qualidade, estas variáveis são fatos que se dão frequentemente na vida.

Segundo Libâneo (1994, p.40)

Uma pesquisa da Fundação Carlos Chagas, de São Paulo, de 1981, investigou as causas mais amplas da repetência escolar. Sua finalidade foi a de explicar a repetência não só pelas deficiências dos alunos, mas por outros fatores como: características individuais dos alunos, as condições familiares, o corpo docente, a interação professor-aluno e aspectos internos e estruturais da organização escolar. Após os estudos dos dados coletados chegou-se a conclusão de que a reprovação não pode ser atribuída à causa isolada, sejam as deficiências pessoais dos alunos, seja os fatores de natureza socioeconômico ou da organização escolar. Mas entre as causas determinantes da reprovação (entre as quais as condições de vida e as condições físicas e psicológicas), a mais decisiva foi o fato de a escola na sua organização curricular e metodológica, não está preparada para utilizar procedimentos didáticos adequados para trabalhar com as crianças.

Através da aprendizagem, a educação realiza a função do ser. Esta aprendizagem não se inicia na escola, mas desde o início da vida do ser humano. Assim, a cultura em geral, as classes locais através dos seus valores específicos vão exercer sua influência sobre a criança, primeiramente através da família e do lar em que se convive. *“O processo de aprendizagem se inscreve na dinâmica da transmissão da cultura, que constitui a definição mais ampla da palavra educação”.* (TORT, 1976, p.27)

A família onde a criança inicia sua aprendizagem apresenta padrões típicos de comportamento da classe social a que pertence. Assim, as diferenças de classes sociais vão determinar importantes diferenças nas experiências e no desenvolvimento de cada criança.

O vocabulário dos pais de classe média, por exemplo, é mais rico e “correto” num ponto de vista gramatical, que o vocabulário dos pais de classe baixa. Os filhos adquirem vocabulário semelhante ao dos pais e o utilizam na escola. A atitude de valorização da escola pelos pais de classe média é transmitida para os filhos, que ingressam nas escolas, mais motivados para realização de suas tarefas, do que a criança de classe mais pobre, cujos pais analfabetos não chegaram a vivenciar os valores comunicados pela escola.

A inexistência de material de leitura, impropriedade de locais adequados para estudar e falta de apoio familiar, entre outros, também dificulta a possibilidade de êxito na escola. De

todos os modos, significa dizer que, a escola recebe o aluno cercado de problemas graves que vai exigir esforço dobrado por parte dos educadores.

2.1 A ESCOLA E A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

Para chegar a compreender a escrita, a criança pré-escolar raciocinou inteligentemente, emitiu boas hipóteses a respeito de sistemas de escrita (ainda que não sejam boas hipóteses a respeito de nosso sistema de escrita), superou conflitos, buscou regularidades, outorgou significados constantemente. (FERREIRO e TEBEROSKY, 1991, p.276).

A condução do processo de ensino requer uma compreensão clara e segura do processo de aprendizagem, em que consiste: como as pessoas aprendem e quais as condições externas e internas que as influenciam.

No sentido geral, qualquer atividade humana praticada no ambiente em que vivemos pode levar a uma aprendizagem, desde que nascemos estamos aprendendo e continuamos a aprender a vida toda. Uma criança pequena aprende a distinguir determinados barulhos, a manipular um brinquedo, a andar, enquanto uma maior aprende a lidar com as coisas como: nadar, andar de bicicleta, escrever, ler, cantar e fazer trabalhos que envolvam outras crianças, já quando jovem, aprendem coisas mais complexas, discutem problemas, decidem e são capazes de escolher profissões. (SANTOS, 1989)

As pessoas, portanto, estão sempre aprendendo em casa, no trabalho, na escola, nas múltiplas experiências da vida, podendo distinguir aprendizagem casual da organizada. A aprendizagem casual é quase sempre espontânea, surge naturalmente da interação das pessoas com o ambiente em que vivemos. Enquanto que a organizada tem por finalidade específica, determinados conhecimentos, normas e convivências sociais. Embora isso possa ocorrer em vários lugares, é na escola que são organizadas a transmissão e assimilação de conhecimentos e habilidades.

A aprendizagem escolar é assim um processo de conhecimentos e modos de ação física e mental, organizada e orientada num processo de ensino onde os resultados se manifestam em modificações na

atividade interna e externa, onde o sujeito nas suas relações com o ambiente físico e social se encontram.(FREIRE,1996)

Na aprendizagem escolar, para o autor, há influência de fatores afetivos e sociais, tais como: os que afetam as relações professor-aluno, os que interferem nas disposições emocionais para enfrentar as tarefas escolares, os que contribuem ou dificultam a formação de atitudes positivas frente às suas capacidades, aos problemas e às situações da realidade e do processo de ensino e aprendizagem.

Na escola, as crianças bem amadas geralmente são: participantes, interessadas, procuram entender o que está acontecendo, são entusiasmadas com as atividades que consideram interessantes e úteis. Em termos de convivência social são respeitadoras mesmo tendo pontos de vista que procuram difundir. *“Quando as crianças vivem com os pais que não se amam e não as amam, o resultado pode ser catastrófico, os problemas dos pais, suas atitudes negativas diante da vida e dos outros passarão para os filhos”* (D’ANDRÉA, 1980, p.90).

Na escola a situação também será difícil, os alunos não amados tendem a não ter confiança em si e nos outros, nas atividades em conjunto, geralmente não colaboram, desenvolvem comportamento agressivo como uma defesa contra a falta de amor. Eles podem apresentar pouco entusiasmo com as atividades escolares, desinteresse e revolta, fuga de uma relação amorosa pouco construtiva.

A aprendizagem escolar tem vínculo direto com o meio social que circunscreve não só as condições de vida, como a relação com a escola e os estudos. A consolidação dos conhecimentos depende do significado que eles carregam em relação à experiência social e familiar das crianças. Um bom relacionamento familiar e desejo pelo conhecimento são fatores determinantes para o progresso do desempenho da criança na escola. Depois da família, o meio externo no qual está inserida deve proporcionar meios adequados que auxiliem de modo afetivo para o seu desenvolvimento.(GARCIA,1993)

Aprender é aprender com alguém. É no campo das relações que a aprendizagem se efetiva. Esse campo transcende um mero encontro, à medida que a criança estabelece relações cada vez mais significativas, seja com os pais, professores, amigos, parentes, onde os papéis diferentes a exercer, exigem objetivos definidos a serem alcançados. Cabe à família e à escola despertar no aluno o desejo de aprender.

Para Polyty (1998, p.36)

A aprendizagem é um fenômeno que se opera em nível de integração psicológico e é um processo evolutivo que atinge sucessíveis níveis de evolução. Dessa forma aprendizagem obedece a um esquema que resulta num modelo de aprendizagem, definido como a maneira particular que cada pessoa tem, de se aproximar e se apropriar do conhecimento. Essa maneira particular de cada um vem da sua família de origem (avós, pais, irmãos, etc.).

Para que a aprendizagem ocorra, há necessidade da participação de dois personagens: o que ensina e o que aprende. Além do vínculo que se estabelece entre ambos.

Quando o aluno apresenta dificuldade de aprendizagem com o professor, este deve lembrar alguém que a criança teve dificuldades na sua família de origem.

“A aprendizagem também se inicia na relação mãe e filho, aonde a pessoa vai

se relacionar toda a vida.” (PAIN, 1987, p.32) É essa relação que favorecerá um vínculo afetivo com o professor que o levará a aprender, pois estará receptiva ao que será ensinado. Se o vínculo com a mãe e o pai não for satisfatório, futuramente a criança poderá apresentar problemas de aprendizagem repetindo o mal estar, até que ele se resolva ou vier como sintoma: dificuldade de aprendizagem.

Ainda segundo Pain (1987, p.32):

Educar consiste em ensinar, mostrar, estabelecer sinais, de marcar como se faz o que pode ser feito. Apartir daí “a criança aprende a expressar-se a vestir-se, a escrever, e também a não se sujar, a não se atrasar, a não chorar”. (aspas do autor).

Uma família ou escola que, estrutura-se de maneira desorganizada, sem horários, sem diálogo, sem perguntas e sem respostas, sem permissão para brincar, não oferecem um ambiente adequado à aprendizagem porque desestruturam a criança, ou seja, não contribuem para que o sujeito dê significado à aprendizagem.

Geralmente, a criança com problemas de aprendizagem tem problemas de assimilar o real, dificuldade em obedecer a regras por que a família não as tem, além de não definirem bem seus papéis. De modo que a criança fica passiva diante das situações, agindo desoladamente de forma compulsiva. É preciso trabalhar o real da família, resgatar o diálogo, pois só se aprende quando se pergunta. É preciso favorecer a decisão crítica do aluno e transformar o aprender repetitivo em aprender criativo.

Reconhecer quando o aluno apresenta dificuldade de aprendizagem já é o primeiro passo para não rotulá-lo de lento ou preguiçoso. Estes estigmas exercem um efeito negativo sobre o sujeito, abalando sua autoestima. O simples fato de reconhecer que existe capacidade já é bastante útil.

Existe dificuldade de aprendizagem de origem orgânica, intelectual, cognitiva, emocional e familiar. E o que se observa na maioria dos casos é o entrelaçamento destes fatores influenciando diretamente no comportamento de aprendiz.

No meu entender, concebo a dificuldade de aprendizagem como uma condição bastante abrangente, que se manifesta, sobretudo pelo fracasso escolar (e é muitas vezes condicionado por este). Esta condição tem um leque muito amplo de causas, mas sua forma evolutiva, acredito, está ultimamente relacionada com o sistema familiar, educacional e social no qual o sujeito esta inserido.

Não posso deixar de mencionar o que chamamos de dificuldade de “ensinagem”. São aqueles problemas advindos de uma abordagem inadequada do professor, da falta de disponibilidade ou da inflexibilidade de alguns mestres em perceber os caminhos mais livres para se chegar ao sujeito. Muitos professores são os grandes contribuintes de rótulos e profecias auto cumpridoras, fazendo um coro com vozes familiares, deixando a criança ou jovem sem nenhuma possibilidade ou saída para reverter a situação.

Para Polyty (1998, p.79)

Cabem a eles, muitas vezes, o fracasso escolar, a desistência, a baixa estima e a perpetuação das dificuldades de aprendizagem que, com bom senso e conhecimento adequado da profissão, poderiam ser conduzidas de outra forma.

Uma dificuldade de aprendizagem não significa necessariamente uma deficiência mental ou orgânica, podendo ser uma condição específica, onde existem aspectos que precisam ser trabalhados para se obter um melhor rendimento intelectual.

É extremamente importante considerar os efeitos emocionais que essas dificuldades acarretam no individuo agravando o problema. Se o rendimento escolar for sofrível, o sujeito talvez seja visto como um fracasso pelos professores e/ou colegas, e até pela própria família, desenvolvendo em alguns casos uma autoestima negativa que agrada em muito a situação a qual poderiam ser evitadas com o auxílio da família e de uma escola adequada.

Todo ser humano tem seus pontos fortes e seus pontos fracos na aquisição do conhecimento. Alguns têm grande capacidade de ouvir, assimilar muitas informações simplesmente ouvindo. Outros têm mais facilidades com o visual, aprendem melhor, lendo. O

que complica é quando oferecem para a criança apenas uma forma de aprendizagem que, às vezes, é justamente aquela com a qual ela sente dificuldades.

Pode-se dizer que a escola não está adaptada à realidade da maioria de seus alunos que, por isso mesmo, não aprendem o que lhes é ensinado. A escola precisa ampliar o olhar sobre as famílias as quais pertencem seus alunos, pois os problemas

podem estar ligados à estrutura familiar, ao número de irmãos, a posição do aluno entre eles, ao tipo de educação dispensada pela família e de como funciona aquele sistema familiar.

2.2 A BAIXA AUTOESTIMA DO EDUCADOR

O ambiente da sala de aula requer tranquilidade e prazer, mais isso só é possível se existir troca de empatia entre educando e educador. O que se observa hoje é que um grande número de educadores está com sua autoestima deficiente, e isso faz com que o profissional torne-se desestimulado e não se comprometa com o verdadeiro espírito de transformar o aluno, fica sem motivação para perceber as diferenças entre os educandos, se preocupando apenas em cumprir o seu planejamento, não deixando que seus alunos os vejam como alguém que possa ouvir um pouco de seus problemas, como: o nascimento de um irmão, a separação dos pais, ou até mesmo a perda de um ente querido. Muitas vezes, isso ocorre e o professor nem percebe, pois se encontra comprometido apenas com a apresentação de conteúdos, esta atitude por sua vez distancia aluno e professor, destruindo a relação positiva que deve haver entre eles.

Na verdade o professor não é estimulado a uma reflexão constante, há um comprometimento com sua formação permanente para que possa realmente elevar o nível do processo ensino-aprendizagem.

Para Libâneo (1994, p. 147):

O processo de ensino se caracteriza pela combinação de atividades do professor e do aluno. Estes pelo estudo das matérias, sob a direção do professor, vão atingindo progressivamente o desenvolvimento de suas capacidades mentais. A direção eficaz desse processo depende do trabalho sistematizado do professor.

A disposição e o entusiasmo do mestre não são, na verdade, o que deveria ser. Ouve-se a todo instante as célebres frases: “Aquele aluno não quer nada, ele não tem mais jeito. Eu já

conversei com ele, mas não adianta.” Quando na verdade, deveria existir comprometimento na investigação das causas que levaram o aluno a agir assim e buscar formas de despertar o interesse pelo ato de aprender.

Assim como o aluno, o professor também apresenta suas dificuldades através do comportamento, que tende a ser de certa forma, agressivo com os alunos, isso porque deixam que suas ansiedades prejudiquem a relação entre os mesmos.

Observa-se muito nos professores, uma série de problemas que desfavorece sua autoestima. Cito alguns: baixo salário, muita cobrança por parte dos dirigentes, problemas emocionais e sociais e, sem falar na necessidade de trabalhar em varias escolas com filosofias totalmente diferentes uma das outras.

2.3 FALHAS E MOTIVAÇÕES NO PROCESSO DE APRENDER

Hoje, ainda é possível observarmos que é atribuída ao aluno a culpa por não aprender, culpa essa que é dita através de palavras bastante conhecidas no dia a dia do educador: desinteresse, imaturidade, irresponsabilidade, entre outros. Estes são alguns dos rótulos dados ao aluno pela dificuldade encontrada no ato de aprender. Dificuldades estas que tratamos por, “falhas no processo de aprender”.(FREIRE,1989)

Sabe-se que, a aprendizagem é um processo longo, e para que ela aconteça é necessário que haja amadurecimento de alguns aspectos no aprendiz: psicomotor, cognitivo, emocional entre outros.

Para que não ocorram tantas falhas no processo ensino-aprendizagem, é necessário que o educador envolvido no processo conheça as funções da didática. Conhecer a realidade do aluno é fundamental para que, a partir daí, inicie sua trajetória com objetivos traçados, criar situações favoráveis possibilitando ao aprendiz o sucesso da aprendizagem.

Muitas vezes, a falta de conhecimento de seu papel como responsável pela formação da cidadania em seu aprendiz, como sujeito crítico, intelectual e transformador por parte do profissional, também são responsáveis pela falha no processo de ensino-aprendizagem que gera o fracasso escolar.

É preciso que o professor ative a memória do aluno utilizando-se dos pilares da memória que são coerência, motivação e emoção.

Aquilo que é ensinado com coerência, com certeza é armazenado na memória do aprendiz, ou seja, uma aula planejada e bem elaborada desperta o prazer em quem está aprendendo.

A motivação como fator também é responsável pela dificuldade de aprendizagem e por conduzir o desenvolvimento e o potencial do aprendiz. O grande responsável por esta ferramenta é o profissional que atua em sala de aula, pois é ele quem deve proporcionar meios para que o aprendiz perceba a importância da relação entre o que está aprendendo e a sua vida. Se isso não ocorre, gera-se a falta de motivação causando a desinteresse que gera a incapacidade, a inibição, e a baixa autoestima e daí o desencadear do processo da dificuldade de aprendizagem. (FREIRE, 1984)

2.4 A INDISCIPLINA EM SALA DE AULA GERA DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

Cabe ao professor utilizar-se de meios que levem o indisciplinado a participar com responsabilidade de suas aulas, valorizando suas opiniões mesmo que estas sejam “bobas”, discutindo com ele e formando a partir de suas ideias, conceitos mais elevados. Para alguns professores, a turma que opina, discute, levanta dúvidas e hipóteses, é indisciplinada. Desmentindo esta última opinião, é sabido que, a turma apática é a que, em grande parte dos casos apresenta baixos resultados, justamente por que não aprende.

É comum quando profissionais envolvidos no processo de ensino- aprendizagem se encontram fazendo comentários a respeito da disciplina em sala de aula. É importante que haja uma preocupação com a busca dos fatores que levam o educando a agir desta forma.

É necessário, portanto, que o professor reflita a respeito da sua prática pedagógica, pois a aprendizagem se dá na relação professor-aluno, e encare a indisciplinada como um desafio a sua proposta de trabalho (que é ensinar) para transformar o aluno em indivíduo, ou seja, cidadão crítico conhecedor de seus direitos e deveres.

Há necessidade de que o professor saiba fazer a diferença do que seja ato indisciplinado de ato infracional, pois é comum no cotidiano escolar, alunos tidos como indisciplinados, serem postos para fora de sala de aula e encaminhados a orientadora educacional, e quando analisado o caso, constata-se que ocorreu por parte do professor abuso de autoridade e isso traz consequências negativas tanto para o aluno como para o professor. Já está na hora do

professor procurar junto à escola desenvolver uma relação ético-pedagógica com os aprendizes.

3. O QUE A ESCOLA FAZ PARA SUPERAR OS PROBLEMAS DE DIFICULDADES NA DISCIPLINA DE LÍNGUA PORTUGUESA

3.1 A PRÁTICA EDUCATIVA E A SOCIEDADE

Para Parseval:

A educação é uma tarefa que se realiza como respostas às exigências sociais, às aparições e expectativas dos alunos decorrentes de seu meio familiar e social; aos conflitos existentes entre os diferentes grupos da sociedade. (1986, p.47)

Assim o trabalho docente é parte integrada do processo educativo mais global pelo qual os membros da sociedade são preparados para a participação na vida social. A educação – a prática educativa – é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades.

Fonseca descreve que:

Cada sociedade precisa cuidar da formação dos indivíduos, auxiliar no desenvolvimento de suas capacidades físicas e espirituais, prepará-los para a participação ativa e transformadora nas varias instâncias da vida social. Não há sociedade sem prática educativa nem prática educativa sem sociedade, mas também o processo de prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e transformá-lo em função de necessidades econômicas, sociais e políticas da coletividade. (2002 p.13-14)

Através da ação educativa o meio social exerce influências sobre os indivíduos, e estes ao assimilarem e recriarem essas influências tornam-se capazes de estabelecer uma relação ativa e transformadora em relação ao meio social. Tais influências se manifestam através de conhecimentos, experiências, valores, crenças, modo de agir, técnicas e costumes acumulados por muitas gerações de indivíduos em grupos, transmitidos, assimilados e recriados por várias gerações.

Em sentido amplo, a educação compreende os processos formativos que ocorrem no meio social nos quais os indivíduos estão envolvidos de modo necessário e inevitável pelo simples fato de existirem socialmente; neste sentido, a prática educativa existe numa grande variedade instituições e atividades sociais decorrentes da organização econômicos, político e legal de uma sociedade, da religião, dos costumes, das formas de convivências, humana. Em sentido restrito, a educação ocorre em instituições específicas, escolares ou não, com finalidades explícitas de instrução e ensino mediante uma ação consciente, deliberada e planejada, embora sem separar-se daqueles processos formativos gerais.

Para Fonseca:

A educação intencional refere-se às influências em que há intenções e objetivos definidos conscientemente, como é o caso da educação escolar e extra-escolar. Há uma intencionalidade, uma consciência por parte do educador quanto aos objetivos e tarefas que devem cumprir, seja ele o pai, o professor, ou os adultos em geral - estes, muitas vezes, invisíveis atrás de um canal de televisão, do rádio, do cartaz de propaganda, do computador (...). Há métodos, técnicas, lugares e condições específicas prévias criadas deliberadamente para suscitar ideias, conhecimentos, valores, atitudes, comportamento. São muitas as formas de educação intencional e, conforme o objetivo pretendido, variam os meios. (2002, p. 64).

Ao falar da educação não-formal quando se trata de atividade educativa estruturada fora do sistema escolar convencional (como é o caso de movimentos sociais organizados, dos meios de comunicação de massa etc.), e da educação formal que se realiza nas escolas ou outras agências de instrução e educação (igrejas, sindicatos, partidos, empresas) implicando ações de ensino com objetivos pedagógicos explícitos, sistematizados e procedimentos didáticos. Cumpre acentuar, no entanto que, a educação propriamente escolar se destaca entre as demais formas de educação intencional por serem suporte e requisito delas.

Com efeito, é a escolarização básica que possibilita aos indivíduos aproveitar e interpretar, consciente e criticamente, outras influências educativas. É impossível, na sociedade atual, com o progresso dos conhecimentos científicos e técnicos, e com o peso cada vez maior de outras influências educativas (normalmente os meios de comunicação em massa), a participação efetiva dos indivíduos e grupos nas decisões que permeiam a sociedade sem a educação intencional e sistematizada provida pela educação escolar.

As formas que assume a prática educativa sejam intencionais ou não-intencionais, formais ou não-formais, escolares ou extra-escolares, se interpenetram. O processo educativo, onde quer que se dê, é sempre contextualizado social e politicamente: há uma subordinação à sociedade que lhe faz exigências de determinados objetivos e lhe provê condições e meio de ação.

Assim, Sarti nos afirma:

A educação é um fenômeno social. Isso significa que ela é parte integrante das relações sociais, econômicas, políticas, e culturais de uma determinada sociedade. Na sociedade brasileira atual, a estrutura social se apresenta dividida em classes e grupos sociais com interesses distintos e antagônicos; esse fato repercute tanto nas organizações econômica e política quanto na prática educativa. Assim as finalidades e meios da educação subordinam-se à estrutura e dinâmicas das relações entre as classes sociais, ou seja, são socialmente determinadas. (2003, p.49)

A prática educativa, portanto, é integrante da dinâmica das relações sociais, das formas da organização social. Suas finalidades e processo são determinados por interesses antagônicos das classes sociais. No trabalho docente, sendo manifestação da prática educativa, estão presentes interesses de todas as ordens sociais, políticos, econômicos, culturais que precisam ser compreendidos pelos professores. Por outro lado, é preciso compreender também, que as relações sociais existentes na nossa sociedade não são estáticas, imutáveis, estabelecidas para sempre. Elas são dinâmicas, uma vez que se constituem pela ação humana na vida social, isso significa que as relações sociais podem ser transformadas pelos próprios indivíduos que integram. Portanto, na sociedade de classes, não é apenas a minoria dominante que põe em prática os seus interesses.

Também as classes trabalhadoras podem elaborar e organizar concretamente os seus interesses e formular objetivos e meios do processo educativo alinhados com as lutas sociais e vigentes. O que devemos ter em mente é que uma educação voltada para os interesses majoritários da sociedade efetivamente se defrontam com limites impostos pela sociedade. Por isso mesmo, o relacionamento do papel político do trabalho docente aplica a luta pela modificação dessas relações de poder.

Segundo Freire:

O que se coloca à educadora ou ao educador democrático, consciente da impossibilidade da neutralidade da educação, é forjar em si o saber

especial, que jamais deve abandonar, saber que motiva e sustenta sua luta:

se a educação não pode tudo, alguma fundamental a educação pode. Se a educação não é chave, das transformações sociais, não é também simplesmente reprodutora da ideologia dominante. O que quero dizer que a educação não é uma força imbatível a serviço da transformação da sociedade, porque assim eu queria, nem tampouco é a perpetuação do “status quo” porque o dominante o decreta. O educador e a educadora críticos não podem pensar que, a partir do curso que coordenam ou do seminário que lideram, podem transformar o país. Mas podem demonstrar que é possível mudar. E isso reforça nele ou nela a importância de sua tarefa político-pedagógica. (1996, p.112)

São os seres humanos que, na diversidade das relações recíprocas que travam em vários contextos, dão significado as coisas, as pessoas, às ideias; e socialmente que se formam ideias, opiniões, ideologias. Este fato é fundamental para compreender como cada sociedade se produz e se desenvolve, como se organiza e como encaminha a prática educativa através dos seus conflitos e suas contradições.

Para quem lida com a educação tendo em vista a formação humana dos indivíduos vivendo em contextos sociais determinados, é imprescindível que desenvolva a capacidade de descobrir as realidades sociais reais implicadas em cada acontecimento, em cada situação real da sua vida e da sua profissão, e cada matéria que ensina como também nos discursos, nos meios de comunicação em massa, nas relações cotidianas, na família e no trabalho.

Pode-se dizer que, quanto mais se diversificam as formas de educação extra-escolar e quanto mais a minoria dominante refina os meios de difusão da ideologia burguesa, tanto mais a educação escolar adquire importância, principalmente pelas classes trabalhadoras.

Vê-se que a responsabilidade social da escola e dos professores é muito grande, pois cabe-lhes escolher qual que concepção de vida e de sociedade deve ser contribuída a consideração dos alunos e quais conteúdos e métodos lhe proporcionam o domínio dos conhecimentos e a capacidade de raciocínio necessários à compreensão da realidade social e à atividade prática na profissão, na política, nos movimentos sociais.

Ao mesmo tempo em que cumprem objetivos e exigências da sociedade conforme o interesse de grupos e classes sociais que a constituem, o ensino cria condições metodológicas

e organizativas para o processo de transmissão e assimilação de conhecimentos e desenvolvimento das capacidades intelectuais e processos mentais dos alunos, tendo em vista o entendimento crítico dos problemas sociais.

3.2 A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA VIDA DO SER HUMANO

Segundo Garcia:

Para a aprendizagem da leitura e da escrita é fundamental que a criança tenha oportunidade de criar suas histórias, interpretar outras histórias ou vidas transformando-as, ouvir outras pessoas (sejam elas adultas ou criança) e ler e escrever suas histórias. (1993, p.92)

A família humana surge a partir de um momento na história em que determinadas condições culturais (incluindo fatores econômicos e políticos) se fizeram presentes e, desde então, ela vai respondendo, tanto em sua estrutura quanto em seu funcionamento as condições concretas do meio que a contém.

As relações das crianças na sociedade intermediadas pela família é um fenômeno mutável no tempo. A família é uma instrução social historicamente situada sujeita à mudança de acordo com as diferentes relações estabelecidas entre os homens.

Para Andolf:

A família é um sistema ativo em constante transformação, ou seja, um organismo complexo que se altera com o passar do tempo para assegurar a continuidade e o crescimento psicossocial de seus membros e componentes. (1985, p. 274)

Hoje em dia, quando nos referimos à família automaticamente nos lembramos da família nuclear conjugar, composta por pai, mãe e filhos. As primeiras experiências do indivíduo, geralmente são proporcionadas pela família.

Ao nascer, a criança começa a sentir influências do seu núcleo familiar que, aos poucos, vai modelando seu comportamento: a roupa que deve vestir, a alimentação que deve tomar em determinados horários, hora em que deve dormir, mais tarde é o treino para que ande, para que fale, para que aprenda a fazer suas necessidades fisiológicas e sua higiene; como também os valores morais, o clima emocional e uma série de atitudes de modo de encara o mundo e as coisas vai ser aprendida pela criança, oferecendo direções em que seu potencial genético será desenvolvido e seus comportamentos serão orientados.

O indivíduo vai estruturando sua personalidade mais para o final da infância, quando já pode ter seu próprio sistema de normas e valores, ou seja, uma moral quase autônoma. Esse sistema de normas e valores vai ser estabelecido com base nas experiências infantis, entre os quais uma das mais importantes é o clima psicológico que os pais propiciam a criança geralmente, as atitudes básicas em relação às outras pessoas e em relação à vida, assimiladas na infância, continuam durante toda a vida.

3.3 AS ATITUDES FAMILIARES E SUA INFLUÊNCIA NA VIDA DA CRIANÇA

O autoconceito e atitude geral do indivíduo para com a vida decorrem do clima emocional do lar. Se o clima dominante no lar e de tensões e preocupações constantes provavelmente a criança se tornará uma pessoa tensa, com tendência a aumentar a proporção de pequenos fracassos e receios próprios da contingência da vida humana. Se o clima é autoritário, onde os pais estão certos e as crianças sempre estão erradas, a criança pode se tornar a acovardada e submissa com os adultos e dominadora e hostil com as crianças mais jovem com ela, ou pode revoltar-se com qualquer tipo de autoridade. Se o clima emocional é acolhedor e permite a livre expressão emocional da criança, ela tenderá a reagir com espontaneidade, a manter relações amistosas com todos e expressar seus sentimentos, positivos ou negativos, livremente.

Parte da influência dos pais provém da maneira como eles encaram a aprendizagem escolar. No caso da leitura, por exemplo, os pais podem estranhar o atraso do filho nesta atividade e este atraso está relacionado com a atitude dos pais em relação a esta. Se os pais não têm o hábito de leitura, provavelmente o filho não terá uma atividade positiva em relação a esta. Certos pais preferem ver televisão, assistir algum filme, passear etc., mas nunca pegam o livro para ler, influenciado na falta de interesse dos filhos.

Isso mostra, claramente, como os pais podem influenciar a aprendizagem que os filhos vão ter na escola através das atitudes e valores que passam aos filhos, sem a intenção de ensinar.

De acordo com Tort (1976, p.52)

As atitudes dos pais em relação aos filhos, em relação às outras pessoas. Existem muitos outros aspectos, além da maneira de se relacionar com os outros, que, tornam as pessoas diferentes uma das

outras. Mas também influenciados pelo ambiente familiar desde os primeiros anos de vida até a hora da morte.

Por isso, mesmo dois filhos que recebem a mesma influência familiar, às vezes podem desenvolver personalidades diferentes, maneiras distintas de ser. Isso ocorre porque as influências familiares são interpretadas de uma maneira particular por cada indivíduo, e outras influências fora da família, também contribuem para a formação da personalidade.

De qualquer forma, há certas maneiras características de os pais se comportarem, essas maneiras tem influências diferentes sobre os filhos, quando ao comportamento, os pais podem ser restritivos, controladores, manterem os filhos “com rédeas curtas”, mas também podem ser permissivos, liberais, permitir que os filhos façam o que bem entendam. Quanto ao relacionamento afetivo, pode ser afetuoso, carinhoso, mas podem ser hostis, severos, agressivos e violentos. Das diferentes combinações dessas quatro características restritivos ou permissivos e afetuosos ou hostis resultam diferentes influências sobre os filhos que podem desenvolver diferentes personalidades.

Baldwin(1973, p.62) afirma que:

O amor dos pais ou de outros adultos é uma condição indispensável para a educação das crianças. Quando os pais amam os filhos, estes desenvolvem atitudes positivas em relação a si mesma e aos outros e a vida. Os filhos aprendem a amar verdadeiramente.

Os pais que se amam tendem a amar também os filhos. Estes se sentem seguros, confiantes, amantes da vida.

As situações familiares variam muito e o comportamento humano é complexo, cada um estabelece os próprios padrões de conduta, de acordo com seu sistema familiar.

Não se pode, diante de uma situação considerar normal falta de amor dos pais, pais agressivos, atribuir apenas a esta situação a responsabilidade pelo comportamento da criança, e lembrar-se de que compreender é preferível a julgar, é preciso analisar aquele sistema familiar e avaliar onde está o nó que traduz um comportamento alterado da criança, identificando o foco que está apresentando o sintoma.

Além da situação afetiva da criança existe ainda a situação material que pode ser grande influência na sua capacidade intelectual.

Segundo D’Andrea (1980, p.91)

Na relação professor-aluno, o essencial é compreender o comportamento da criança. É compreender que não são apenas os pais que influenciam este comportamento. É preciso que o professor

analise o comportamento, veja os fatores que estão interferindo e, na medida do possível, tente agir sobre esses fatores. Não se pode tentar corrigir apenas o efeito, o comportamento manifesto, sem analisar as causas.

3.4 A FAMÍLIA E A FORMAÇÃO EDUCACIONAL

(...) a família tem a tarefa de auxiliar a criança em seu processo de desenvolvimento social “neste sentido, não se pode esquecer que a escola seleciona e transmite valores e normas.” Para a professora é fundamental a compreensão de que seu aluno não é uma criança neutra ou abstrata, desprovida de valores e desejos, mas uma criança que, através de suas relações familiares, desenvolveu vínculos afetivos que se encontra em estreita relação com os valores de seu grupo familiar, por sua vez, influenciados pela classe a que pertencem. Garcia (1993, p.98)

Cada grupo familiar tem expectativas e valores sobre como o filho deve ser, como deve se comportar e que tipo de valores deve aplicar a cada situação, mesmo sem saber, os sonhos existem sobre a vida profissional futura da criança. Desde seu nascimento, começam as profecias (acho que ele será um grande economista como o avô), os mandatos (somos uma família de advogados), as comparações (ele deve se esforçar para tirar nota boa como o irmão), as lealdades (meus pais são analfabetos, acho que também não preciso estudar muito), os segredos (sempre achei melhor não falar nada sobre adoção). Todas essas situações marcam profundamente o desenvolvimento futuro da criança, impondo-lhe tarefas que estão em desarmonia com suas capacidades, aptidões ou mesmo desejos.

A família é uma instância importante no processo de socialização, bem como no desenvolvimento da subjetividade autônoma, ensinando informalmente o que as crianças devem fazer, dizer ou pensar. Isso não significa que não resta aos indivíduos liberdade alguma para agir a essas influências. A educação dada pela família fornece o “solo” a partir do qual o homem pode agir até parar, em última instância se rebelar contra os valores recebidos: contra esses valores, mas sempre a partir deles. Portanto, a família é o local privilegiado para o desenvolvimento humano.

A escola é, e sempre será, o lugar reservado para educar. Já está na hora de sairmos da teoria e buscarmos na prática oportunizar ao aluno a troca e o desenvolvimento de suas capacidades. Se o objetivo da escola é que o respeito próprio seja conquistado pelo aluno, porque não fazer da escola um ambiente propício à busca desse respeito?

Quando a escola de fato, consegue elaborar uma proposta pedagógica que se ajuste ao que os alunos conseguem realizar em cada fase de sua aprendizagem, nesse momento ocorrerá a atuação do aluno na tarefa de construir significados sobre os conteúdos a serem aprendidos. Mas para que essa aprendizagem significativa passe a ocorrer, é necessário que a escola esteja atenta às diversas influências propostas pelo meio.

É importante que todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem saibam que nem todos os alunos aprendem da mesma maneira, por isso, é importante o reconhecimento das diferenças existentes entre os mesmos.

A equipe escolar deve estar preparada para mudanças, criar tempo, pois o tempo é o grande problema encontrado pela equipe escolar. A falta de papel impede a escola de desempenhar bem o seu papel em relação à qualidade de ensino. É preciso que se organize para que não haja improviso, que haja clareza nas atividades elaboradas, o uso de materiais adequados de acordo com a aula planejada, utilizar curto espaço de tempo para que o aluno memorize.

Aprender é uma tarefa árdua, o estudo é novo, logo, cabe ao professor criar uma relação de confiança e respeito mútuo entre os envolvidos no processo de transmissão e assimilação de conhecimentos.

Para uma perfeita aprendizagem é necessário que o aprendiz saia de sala fazendo uso dos diversos materiais que existem na escola. O aluno precisa aprender a fazer uso do tempo para desenvolver suas tarefas, com orientação do educador.

É importante que a escola reserve espaços adequados para exposição de trabalhos realizados pelo aluno, essa é uma forma de despertar o respeito a si mesmo e a classe. A organização do espaço, ou seja, da sala de aula, devem ser livres a partir de diálogo preestabelecido entre professor-aluno.

É importante que o aluno sinta prazer e vontade de permanecer na escola, mesmo fora do horário de aula e, quando isso acontece, sem sombra de dúvidas a escola está conseguindo a superação das dificuldades encontradas. É preciso que a escola leve o aluno a ampliar seus valores.

A escola, ao selecionar seus recursos didáticos, o que deve fazer com todos os envolvidos no processo de ensino aprendizagem.

Hoje não há porque a escola não oferecer aos alunos o uso de materiais potentes, dando-lhes oportunidades de acompanhar o avanço da tecnologia com o uso de computador, televisão, DVD e outros, mas é necessário que o professor se organize para fazer o melhor uso possível. Ainda assim, é importante ressaltar que estes, não devem ser utilizados em detrimento dos materiais mais simples como: quadro de giz, globo terrestre, jogos, entre outros.

O livro didático não perdeu seu lugar na escola, mas é necessário que sua escolha seja feita com coerência e eventuais restrições que apresentem em relação aos objetivos educacionais propostos “portanto, dentro da sua missão de ensinar leitura de mundo”, não cabe à escola apenas preparar um projeto pedagógico atendendo a necessidade de seus alunos, mas sim visar a formação integral do indivíduo.

Deve-se levar em conta, sem entrar em por menores, no que chamamos de “dificuldade de ensinagem”, os alunos são seres individuais e, por isso, aprendem de formas diferentes e, nem sempre o mestre consegue captar essas diferenças, muitas vezes o professor insiste em trilhar por caminhos que só ele conhece, colocando o aluno à margem.

Cabe ao professor, buscar novos horizontes e conduzir os educandos por caminhos que se sintam seguros, caso contrário, ele contribuirá para o fracasso e a desistência escolar, a falta de autoestima, entre outros.

3.5 O PAPEL DA FAMÍLIA MEDIANTE A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

Desde o início da idade escolar, os pais se inquietam com as performances dos filhos e suas possibilidades de sucesso. Quando a criança não corresponde ao esperado aparece o chamado sintoma. O fato é que devemos ver o aluno como um todo ao qual está inserido e sua forma relacional de se expressar.

É na família que a criança começa a desenvolver os sentimentos (raiva, inteligência, concentração, paciência...) e ela deve se sentir num grupo que a apoie, pois essa é a necessidade básica de todos. A partir dessa segurança a criança sente-se forte para enfrentar os problemas e construir o próprio saber, com essa força ela não tem medo de errar e recomeçar “motivados pelo amor, pelo desejo de satisfazer todas as necessidades dos filhos, alguns pais não modificam

seus comportamentos e ofertas à medida que a criança cresce”.
(FREIRE,1996, p.39)

Crescer é perigoso ou ameaçador para algumas famílias. Por isso é importante que, cada um do grupo não ponha em risco sua função e aquilo que se espera desenvolvido em ações, já que o acesso ao proibido é difícil.

O objetivo é tentar fugir das situações de frustração, ansiedade e conflito que pode surgir quando um membro põe em desequilíbrio a relação familiar. A família, portanto, deve buscar resolver seus problemas com muita clareza, calma e equilíbrio para que a criança não se sinta perdida num ambiente onde ninguém se compreende.

De geração em geração passa-se que as crianças, em idade escolar saibam que precisam ter sucesso nos estudos. Isso é exigido por seus pais, familiares, colegas, professores e pela sociedade como um todo. Em todas as famílias o destino da criança já está selado antes até do nascimento.

Algumas famílias se mostram decepcionadas, outras, indiferentes com o baixo rendimento escolar de seus filhos. Ambas as atitudes impedem que ele cresça de forma natural e satisfatória, já que a família é fator decisivo de incentivo para que se resolva esse problema.

Na maioria das vezes, o fracasso escolar acarreta efeitos emocionais que, a cada dia que passa, torna-se mais difícil de ser resolvido, porque o aluno se sente incapaz e é visto pelo professor, amigos e familiares como aquele que é impossibilitado de acompanhar o grupo, deixando-o para trás.

A adoção costuma carregar consigo estigma e vergonha, precisando desta forma, ser tratada como segredo. Deve-se considerar que a adoção em si não é responsável pela ocorrência de um sintoma, e sim a maneira como os sintomas envolvidos lidam com essa circunstância e que vai determinar aparecimento de problemas no processo de ensino-aprendizagem.

Outro ponto relevante trata-se do segredo que algumas famílias criam em torno das dificuldades apresentadas pela criança sobre doenças orgânicas, problemas neurológicos, limitações de ordem cognitiva ou ainda problemas emocionais, achando que, com isso estão a protegendo.

Crianças e jovens percebem tais atitudes começam a desenvolver sentimentos de medo e ansiedade que os tornam mais incapacitados. O ambiente por si não faz a criança crescer, porém, ele é fator primordial para promover o desenvolvimento emocional.

Muitas são as maneiras utilizadas para definir o fenômeno do baixo rendimento: origem orgânica, cognitiva, emocional. O que se percebe é que, em muitos casos, as origens são diversas, causando complexidade na situação.

Mesmo que neurologistas identifiquem problemas, na aprendizagem, não se pode dizer que biologia é destino. As respostas e estímulos dados pelo cérebro são reações a que somos submetidos. Para isso basta desenvolver outros tipos de atividades para que o cérebro reaja como esperado.

3.6 A DINÂMICA DA SALA DE AULA

Saber argumentar é em primeiro lugar saber integrar-se ao universo do outro. É também obter aquilo que queremos, mas de modo cooperativo e construtivo, traduzindo nossa verdade dentro da verdade do outro. Aquele que vai argumentar precisa adaptar-se ao seu auditório. Diz o provérbio que: A comida deve agradar aos convidados e não aos cozinheiros. (ABREU, 1999, p.42)

Nesse tipo de aula tem-se a vantagem do aluno acompanhar passo a passo, tendo tempo para refletir melhor cada passagem e isso facilita o entendimento das operações seguintes. Usando bastante para apresentação ao aluno dos momentos importantes da evolução da humanidade.

O conteúdo a ser aprendido é apresentado na sua forma final e a tarefa de aprendizagens não envolve nenhuma descoberta independente por parte do aluno o que se exige dele é que internalize o material que lhe é apresentado, conhecendo-o e compreendendo-o, tornando-o assim disponível para um futuro uso.

O princípio da aula se apoia em que tudo aquilo que o professor diz é verdade, cabendo ao aluno observar sem questionamento a participação do professor é dominante embora haja exposições em que o aluno é convidado a participar com comentários, exemplos ou complementando as colocações feitas pelo professor.

O uso de exemplos é uma maneira eficaz para manter a atenção de uma classe. Quanto mais próximo da realidade o exemplo estiver do aluno, maior a sua probabilidade de manter a atenção.

Estamos relacionando ao exercício de atividades práticas, a exposição poderá ser usado na fase preliminar da aprendizagem, com objetivo de permitir uma visão global e sintética do

assunto, apresentar e esclarecer os conceitos básicos, gerando bons resultados, à medida que proporciona ao aluno, embasamento teórico.

A descoberta é uma condição necessária para a aprendizagem de diversas técnicas, para a solução de problemas, para transformar a informação tendo em vista uma utilização melhor e para aprender de que maneira se avança na própria tarefa de aprender. A prática na descoberta ensina adquirir informação de uma forma tal que a mesma se torna mais viável na solução de problema. (CARTER, 1984 p.20e21)

Nesse caso o professor não explica diretamente para os alunos os conceitos e princípios que deverão ser aprendidos. Fornecendo exemplos, o professor vai induzindo o aluno gradativamente a fixar estes conceitos e princípios.

Com os argumentos dados, o aluno acaba sendo despertado ao interesse em aprender a língua portuguesa a cada dia, que é de vital importância para a boa formação do educando.

A aula como a realização de pesquisa é um importante instrumento para a aquisição e desenvolvimento da aprendizagem do educando, pois permite ao mesmo a leitura e a investigação de vários textos, livros e revistas importantes para a construção do cognitivo do educando. A escola precisa incentivar a educação para desenvolver no mesmo o gosto pela pesquisa, para que possa construir os aspectos cognitivos.

Sugere-se aos professores a formação de grupos de no máximo cinco alunos tendo um como líder ou instrutor. Que terá responsabilidade de ensinar os outros a maneira de aprender determinado conteúdo. Os alunos instrutores das diversas células devem ter encontro com o professor para discutir o tema para ser apresentado.

O professor como administrador dos recursos de aprendizagem deve incentivar o debate entre os grupos e deve interferir quando necessário e, sobretudo deve estimular os alunos de forma que se tornem dispostos e capazes de aprender. Essa será a melhor hora de unir a teoria com a prática pedagógica.

Nos cursos onde as classes são numerosas o professor pode ter dificuldade para coordenar elevadas quantidades de célula e conduzir os trabalhos ordenadamente. Embora a estratégia não deva ser descartada nos cursos de graduação por proporcionar aos estudantes uma visão da matéria a tratar, aliados ao fato do que irão perceber os diversos ângulos pelos quais o tema proposto pode ser abordado.

Para Libâneo, “um professor competente se preocupa em dirigir e orientar a atividade mental dos alunos, de modo que cada um deles seja um sujeito consciente, ativo e autônomo.” (1994, p.252).

A ideia central desse método é que os estudantes deverão tornar-se “pensadores-críticos” e, assim, o processo de aprendizagem é mais dinâmico. Onde o aluno figura central, para Rogers, o foco está na pessoa que aprende. As teorias de aprendizagem fornecem, geralmente, subsídios para o planejamento e organização de estratégias de ensino. Para ele não tem haver com a metodologia, mas sim com atitude do professor. O seu ponto de partida foi que “somente pessoas podem desenvolvem pessoas.” (ROGERS, 1971, p.37)

Uma aprendizagem significativa tem qualidade de um desenvolvimento pessoal, de ambos os lados para o aluno mesmo quando o incentivo vem de fora, o descobrir, o captar, o sentido, o compreender vem de dentro. O próprio aprendiz avalia se ela está indo ao encontro de suas necessidades, direção ao que ele quer saber.

O professor como agente facilitador da aprendizagem é aquele que, consiste em suas limitações e de suas possibilidades, estabelece um clima de receptividade, no qual ele se torna, progressivamente, um aprendiz participante um membro de grupo que oferece uma participação que os alunos podem escolher ou recusar.

Jean Piaget não pretendeu construir uma teoria pedagógica: seus comentários sobre a educação restringem-se alguns poucos textos de sua autoria. Entretanto, muitos especialistas em pedagogia tem se apropriado das ideias de Piaget e elaborado propostas bem definidas.

A única maneira de ser ativo, na perspectiva de Piaget, consiste em deixar que organize suas atividades a partir de um objetivo mais ou menos preciso. A ideia seria que os professores adaptassem o material escolar em função do caminho intelectual do aluno. Para tanto, seria necessário observar o aluno.

Para uma efetiva combinação entre os conhecimentos sistematizados que devem ser dominados e o desenvolvimento intelectual autônomo dos alunos é preciso levar em considerações fatores como o incentivo ao estudo, as condições de aprendizagem e a influência do professor e do ambiente escolar. (LIBÂNEO, 1994, p.110)

Nesse caso se não forem observados esses fatores o aluno acaba tendo como único princípio norteador na aquisição do cognitivo a figura do professor, onde o mesmo acaba

ficando numa posição passiva e o professor na posição de agente ativo para transmitir conhecimentos e apontar erros cometidos.

A aula é preparada antes como a seleção do melhor conteúdo (livro-texto) para ser explicada ao aluno. Segundo o professor Emani (2003) isto significa um desprezo a inteligência do estudante universitário, o que se evidencia no julgamento de que o aluno se entenderá o conteúdo da matéria lendo-o sozinho, mas somente quando o professor explica verbalmente em aula.

Outro sintoma do método de ensino em contabilidade que provém da própria natureza dessa disciplina é o que o professor durante quase todo o período está escrevendo no quadro negro falando. Por assim dizer, as palavras.

Com isso os alunos, além de ouvir a voz, tem que se contentar em passar todo o período da aula enxergando as costas do professor. No método tradicional do ensino os alunos recebem tudo “mastigado”. Os objetivos de ensino são reduzidos à unidade pequena para se tornarem facilmente mensuráveis, o que contribui para a desumanização educacional.

Levando em consideração, que as disciplinas estão soltas, os ensinamentos em seqüências, o aluno no final do curso não consegue reunir todos os seus ensinamentos em um todo, falta o seu raciocínio contábil, falta visão global. Esse sistema fechado de pensamento torna a situação do aluno em busca de respostas certas, o que desencoraja a inovação acabando com a criatividade tornando a sala de aula um lugar desinteressante e parado, um lugar de conformação onde as pessoas estão buscando respostas para os problemas.

3.7 – O PROCESSO AVALIATIVO

O tema avaliar tem sido associado à expressão como: fazer prova atribuir nota e fazer exame. Esta associação, tão frequente em várias escolas, é resultado de uma concepção pedagógica arcaica, mas tradicionalmente dominante. Nela a educação é entendida como mera transmissão e memorização de informações prontas e inquestionáveis e o aluno é visto como um ser passivo e receptivo. Consequentemente, a avaliação se restringe a mensurar a quantidade de informações retidas e assume um caráter seletivo e competitivo.(HAYDT,1997)

Entretanto, dentro de uma concepção mais moderna, a avaliação não se reduz apenas a atribuir notas, “atualmente, a avaliação assume novas funções, pois é um meio de diagnosticar e de verificar em que medida os objetivos propostos para o processo de ensino-aprendizagem estão sendo atingidos” (HAYDT 1997, p.14).

Nesse contexto, a avaliação assume uma dimensão orientadora e norteadora, pois permite que o aluno tome consciência de seus avanços e dificuldades, para continuar avançando na construção do conhecimento. “A avaliação da aprendizagem é o ato de diagnosticar o desenvolvimento do estudante, tendo em vista auxiliá-lo a chegar ao nível mínimo necessário de aprendizagem”. (LUCKESI, 2005)

Ainda assim, alguns professores compreendem a avaliação por meio de perguntas e respostas objetivas e diretas. Torna-se assim questionável a manutenção de testes e provas como instrumentos suficientemente capazes de representar o conhecimento de jovens e adultos educandos.

Acredita-se que a avaliação deva reconhecer e valorizar o conjunto de competência que vão além da dimensão cognitiva, constituindo-se mais no “saber ser” do que “saber fazer”.

É importante ressaltar que essa modalidade de ensino é oferecida aos que não tiveram acesso ou continuidade de estudo no ensino fundamental e médio, na idade própria. Nesse sentido, o instrumento avaliativo determinado pela maioria das escolas - a prova - não pode ser visto como única opção de avaliação. Essa deve valorizar e buscar propiciar ao aluno a questionar, a pensar de forma crítica e consciente. É nessa perspectiva que a avaliação deve ser pensada.

Nas aulas de história, os conteúdos eram selecionados a partir de características dos alunos e eram organizados e desenvolvidos de modo a viabilizar interativamente o processo de construção do conhecimento, tais como: a utilização de vários recursos didáticos; debates e discussões, como forma de desenvolver a capacidade de argumentar, ouvir e refletir sobre o ponto de vista do outro e explicitar o próprio raciocínio, permitindo a sistematização e socialização do conhecimento.

Paulo Freire (Educação, 1994), relata que “o educador precisa partir do seu conhecimento de vida e do conhecimento de vida e do conhecimento de vida do educando, caso contrário, o educador falha”.

Cabe ao professor perceber o que os alunos almejam com os estudos e com base nessa informação, ele deve construir uma prática para atender as diferentes necessidades de aprendizagem. Deixar que cada aluno contribua com suas lembranças e experiências é fundamental para que todos se sintam inseridos neste processo. Nesse caso, deve-se priorizar o que é relevante de fato para a turma, ao mesmo tempo repensar as formas de mediação dos conteúdos e avaliação.(FREIRE,1994)

O jovem e o adulto trazem consigo um histórico de conhecimento e saberes acumulados e reflexões sobre o mundo. Os professores, podem captar isso por meio de atividades que

remetem ao cotidiano deles e exemplos que unam informações teóricas com experiências de vida. Se os educadores valorizam a sabedoria dos alunos e estabelecem analogias e ligações com a realidade deles, vai facilitar em muito o processo de aprendizagem, ao mesmo tempo em que os estudantes vão se sentir menos tímidos, rompendo assim o desconforto de estar aprendendo tardiamente.

Além das dificuldades de se avaliar os alunos do ensino fundamental e médio, professores essencialmente da rede pública, se deparam com a escassez de materiais específicos para essa modalidade de ensino. Para driblar a questão, é necessário criar estratégias didáticas capaz de contribuir na formação do aluno enquanto sujeito histórico. Outra realidade ainda dessa modalidade de ensino é a evasão escolar. Ao atrair o adulto para a escola, é preciso garantir que ele não a abandone.

Certamente as altas taxas de evasão têm origem em vários aspectos, entre eles: a má formação de professores, o uso de material didático inadequado para a faixa etária, os conteúdos sem significado, as metodologias aplicadas por professores despreparados e em horários de aula que não respeitam a rotina de quem precisa estudar e trabalhar. Problemas como esses podem ser amenizados quando há políticas públicas comprometidas com uma educação de qualidade, ao mesmo tempo em que professores passam a conhecer as especificidades desse público e usa a realidade do aluno como eixo condutor das aprendizagens.(ANTUNES,2003)

Desta forma as aulas não devem ser elaboradas de modo simplesmente a repassar informações, mas devem despertar o interesse do educando sobre determinado tema, tornando assim a aula mais interessante e dinâmica possível.

Sendo assim, Antunes (2003) acredita que:

O procedimento do ser humano não pode ser pensado como um processo que não reage sempre igual numa determinada circunstância, mas como algo que depende do meio em que está inserido e nunca pode deixar de levar em conta o papel transformador deste ser, sua capacidade ou potencial em toda a aprendizagem.

No decorrer do processo de observação, notei que, no início das aulas, os alunos não paravam de perguntar o que iria ser cobrado na “prova”. Na verdade, entendia a preocupação dos alunos, pois, estavam acostumados a memorizar as informações e depois reproduzir como comprovação do que aprenderam.

Diante dessa realidade, procurei articular o conteúdo socialmente produzido com a realidade dos educandos. A intenção era que os alunos não aceitassem facilmente as informações considerando apenas significativas aquelas que estão mais evidentemente explícitas e expostas no livro didático ou nos documentos, mas que procurassem informações em detalhes não facilmente observados nesse contexto é necessário que os professores questionem as visões tradicionais do ensino de história e da própria educação.

Refletir sobre a formação e a prática do professor são de fundamental importância se, realmente, queremos mudar a educação num contexto geral. Diante disso, proponho um ensino que possa desenvolver uma postura crítica e reflexiva, diante do conhecimento pensado como construção social e cultural, e não como um campo de ciência neutra, externos ao sujeito. É imprescindível que os professores sejam capazes de impor um novo paradigma epistemológico reformulando, a todo o momento, saberes com vista a atingir uma práxis transformadora. (ANTUNES, 2003)

E quanto à avaliação na escola? Acredito que, ela não pode ser igual a todos os níveis de ensino. Defendo a flexibilização do currículo para avaliar melhor.

A avaliação não deve servir como instrumento de tortura ou punição, mas sim como uma forma de perceber os avanços e dificuldades dos alunos e como indicador para a prática pedagógica do docente, com vista a atingir uma práxis transformadora.

4. CONCLUSÃO

Finalmente, após toda a pesquisa feita nas escolas públicas em que já ministrei aulas, e a partir da bagagem de experiência adquiridas nos 20 anos de magistério, pude desenvolver os conteúdos desse trabalho.

As pesquisas de campo mostram a realidade das escolas, bem como a dos educandos que nela estão inseridos, suas principais dificuldades, a participação da família na educação, aulas dinamizadas, o papel da escola na superação das dificuldades dos alunos, a indisciplina em sala de aula, além dos fatores que motivam os educandos a aprenderem, englobando a escola como um todo.

Sendo assim, as pesquisas de campo são um instrumento de fundamental importância para análise da educação oferecida nas escolas públicas, podendo com o engajamento dos educadores não terem nada a desejar em relação as escolas públicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celson. Relações interpessoais. Tema em educação 11 livro das jornadas. SP : Publico, 2003

BALDUWIN, AL. Teorias de desenvolvimento da criança. SP: Pioneira , 1973.

CARTER, Beth e mc GOLDRICK, Monica. As mudanças no ciclo da vida familiar. Segunda edição. Porto Alegre: Artes médicas, 1984.

D'ANDRÉA, F. F. Desenvolvimento da Personalidade. 4ª ed. São Paulo - Rio de Janeiro: Difel, 1980.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. Psicogêneses da Língua Escrita. 4ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FONSECA, C. Mãe é uma só: revelações em torno de algumas casos brasileiros. Psicol. USP 2002.

FREIRE, P. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Paz e Terra, RJ ,1996.

GARCIA, Regina Leite- org. Revisitando a pré-escola. 2 ed. SP: Cortez, 1993.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

PARSEVAL. G. A Parte do pai. Porto Alegre: L& PM Editora: 1986.

POLYTY, Elizabeth. Dificuldades de Aprendizagem e Família: Construindo Novas Narrativas. 1ª ed. São Paulo: Vetor, 2001.

SARTI, Francisco Cavalcante. A família como espelho: Um estudo sobre a moral dos pobres. 2ª edição. SP .Editora Cortez, 2003.

TORT, Michael. O Quociente Intelectual. Lisboa. Editorial Notícias, 1976.

¹ Professora Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela FAK-CE.

² Professora Orientadora. Doutora em Ciências da Educação. stanagila@hotmail.com

³ Professora especialista em Planejamento Educacional. Professora da FAK- Ce. Brasil.